

Engajamento e processamento discursivo: diálogos entre a Linguística Sistêmico-Funcional e a Linguística Cognitiva

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil
paulosegundo@usp.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i1.704>

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o processamento cognitivo de recursos de ENGAJAMENTO (MARTIN; WHITE, 2005), a partir da Teoria do Espaço Dêítico (CHILTON, 2014), abordagem que considera a cognição espacial e a capacidade de perspectivação como dois dos pilares para a configuração da linguagem e para a execução do processamento linguístico-discursivo. A teoria propõe analisar, de forma integrada, a interação entre os domínios de atenção/referência, tempo e modalidade, a partir de um conjunto de eixos coordenados tridimensionais baseados na geometria euclidiana. Assim, torna-se possível hipotetizar formas de processamento deiticamente ancorado de uma diversidade de fenômenos, dentre os quais se destacam para este artigo: a negação, o discurso relatado, a modalização epistêmica e a adjunção modal.

Palavras-chave: avaliatividade; engajamento; Teoria do Espaço Dêítico; processamento.

Engagement and discourse processing: dialogues between Systemic Functional Linguistics and Cognitive Linguistics

Abstract

The aim of this paper is to analyze the cognitive processing of engagement resources (MARTIN & WHITE, 2005) based upon Deictic Space Theory (CHILTON, 2014), an approach that considers spatial cognition and perspectivization capacity as two of the pillars for the configuration of language and the execution of discursive and linguistic processing. The theory analyzes, in an integrated fashion, the interaction between the domains of attention/reference, time and modality, through a set of tridimensional coordinated axes based upon Euclidian geometry. Thus, it is possible to hypothesize forms of deictically-anchored processing in a diversity of phenomena, among which are focused on this paper: negation; reported speech; epistemic modality and modal adjunction.

Keywords: appraisal; engagement; Deictic Space Theory; processing.

Introdução

A literatura linguística é vasta em termos de propostas conceituais e teóricas que se valem de metáforas de base visuoespacial. Perspectiva (CROFT; CRUSE, 2004), arranjo de visualização (LANGACKER, 2008), posicionamento (MARTIN; WHITE, 2005; CHILTON, 2014) são apenas alguns exemplos da produtividade desse domínio-fonte para a caracterização de fenômenos linguísticos. Dentre eles, talvez o conceito mais prolífico e amplamente aceito seja o de *dêixis*, termo de origem grega ligado à noção de *apontar*, ação que tem em sua base o fato de se mostrar visualmente a outro conceptualizador a localização de uma entidade no espaço.

Na tradição cognitivista, dada sua orientação ligada à noção de *corporeamento* (EVANS; GREEN, 2006), por um lado, e às hipóteses de que a língua não é modular e de que ela entra em interface com diversas capacidades cognitivas, sensoriais e perceptuais, por outro, as relações com o domínio visuoespacial são ainda mais abundantes, embora qualitativamente distintas, na medida em que se busca uma ancoragem em estudos psicológicos e neurocientíficos a fim de se propor hipóteses plausíveis para explicações linguísticas inspiradas nessas capacidades.

Entendendo a língua como uma rede estruturada de construções capaz de estimular conceptualização, este artigo objetiva investigar, por meio de um modelo cognitivo de base geométrica, que se propõe corporeado e deitivamente ancorado — a Teoria do Espaço Dêitico (TED) (CHILTON, 2014) — a construção do processamento linguístico da perspectiva.

Para isso, toma-se como objeto de estudo o subsistema de ENGAJAMENTO, parte da rede semântico-discursiva interpessoal de AVALIATIVIDADE (MARTIN; WHITE, 2005), ligada ao arcabouço sistêmico-funcional (HALLIDAY, 2004), abordagem já relativamente consagrada no país no que tange à análise discursiva da perspectiva. Assim, busca-se depreender de que modo as relações intersubjetivas e dialógicas promovidas pela instanciamento de tais recursos podem ser explicadas a partir desse modelo de processamento linguístico-discursivo, alternativo à abordagem de Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994; 1997).

O artigo encontra-se organizado do seguinte modo: na seção 1, expor-se-ão as possibilidades de diálogo entre a proposta sistêmico-funcional (LSF) e a cognitivista (LC); na seção 2, dissertar-se-á acerca do subsistema de ENGAJAMENTO, ligado à LSF; em 3, apresentar-se-ão, sinteticamente, os princípios fundamentais da TED para, na seção seguinte, aplicá-la na análise dos recursos de ENGAJAMENTO, buscando mostrar a base dêitico-cognitiva do processamento da perspectivação ativada por tais recursos. Por fim, tecer-se-ão considerações finais sobre o estudo, que sintetizam os resultados alcançados.

1. Diálogos entre a LSF e a LC

A Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004) consiste em uma teoria sociossemiótica que concebe a língua como um sistema dinâmico e aberto, orientado para a reflexão — o que envolve representação e categorização da experiência sobre a realidade — e para a ação — o que abarca negociação de perspectivas, interação social, comunicação intersubjetiva — em relação ao contexto cultural e situacional no qual ela é instanciada na forma de textos. Em consequência dessa visão, consiste em uma abordagem que insere a problemática da significação em primeiro plano e o uso como elemento fundamental para a constituição do sistema. Contudo, diferente da abordagem cognitivista, coloca em *background* nossas capacidades mentais para inserir no *foreground* explicações socioculturais tanto para a emergência da linguagem quanto para a sua efetivação em termos de padrões de recursos. Por essa razão, trata-se de uma perspectiva que tem sido vastamente utilizada por analistas do discurso para a etapa de descrição dos textos (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014; HEBERLE, 2004; FAIRCLOUGH, 2003).

A Linguística Cognitiva, por sua vez, consiste em um paradigma teórico plural, de diversas orientações, unificado, apesar disso, por algumas noções centrais, conforme

aponta Geeraerts (2010). Entre elas, destacam-se: a. a centralidade do estudo da significação, vista como o coração da linguagem e caracterizada por ser perspectivada, enciclopédica e não autônoma, flexível e dinâmica, além de baseada no uso e na experiência; b. a proposta de que a linguagem ativa um processo de conceptualização multimodal que integra conhecimento de fundo (*frames*, esquemas imagéticos, MCI) a representações dinâmicas locais (espaços mentais) que organizam o fluxo discursivo (HART, 2014), do que decorre a rejeição por abordagens que concebem a língua como um módulo autônomo e isolado das outras capacidades cognitivas, como atenção, memória, categorização, dentre outras; c. uma adesão, em maior ou menor grau, à tese do *corporeamento*¹; d. uma concepção de que a língua consiste em uma rede estruturada de construções, que abarca instâncias e esquemas, concebida em termos de um *continuum* entre léxico e gramática.

Nesse sentido, é possível observar algumas complementaridades e similaridades entre as abordagens. Por um lado, ambas as teorias tomam o uso, a experiência e a significação como elementos fundamentais para explicar a linguagem; ademais, as duas perspectivas destacam a noção de construção e de alternativas construcionais e a organização em rede, muito embora ela tenda ao discreto na LSF e ao fluido na LC. Por outro lado, a LSF, por seu olhar contextualmente orientado, fornece ferramentas úteis para uma descrição da linguagem orientada textualmente, ao passo que a LC, por seu olhar psicologicamente orientado, disponibiliza um instrumental útil para a explanação da emergência de diferentes sentidos e para a exploração de possíveis distinções, em termos de conceptualização, entre alternativas construcionais.

Por essas razões, partir-se-á, neste artigo, das categorias propostas na LSF para se investigar, por meio do cognitivismo, a possível base visuoespacial do processamento linguístico-discursivo. Isso posto, passa-se à exposição do subsistema de ENGAJAMENTO, ligado ao sistema de AVALIATIVIDADE (MARTIN; WHITE, 2005).

2. A noção de ENGAJAMENTO no sistema de AVALIATIVIDADE

A AVALIATIVIDADE² constitui-se em um sistema semântico-discursivo ligado à metafunção interpessoal³ da linguagem, responsável pela organização das opções paradigmáticas e das estruturas sintagmáticas que constroem perspectiva nos textos. Segundo Martin e White (2005, p. 1), a abordagem busca examinar a

¹ A tese do *corporeamento* defende que nossa experiência é estruturada pela natureza de nossos corpos e pela organização neurológica diante de nossa imersão em ambientes concomitantemente físicos, sociais, interpessoais e comunicativos. Para Evans e Green (2006, p. 46, tradução minha), “os conceitos a que temos acesso e a natureza da ‘realidade’ sobre a qual pensamos e conversamos estão em função de nosso corporeamento: nós só podemos falar sobre o que percebemos e concebemos, e as coisas que podemos perceber e conceber derivam dessa experiência corporeada. Desse ponto de vista, a mente humana deve carregar consigo as marcas da experiência corporeada”.

² Em LSF, convencionou-se grafar nomes de sistemas e subsistemas em VERSALETE (*small caps*). As folhas (opções mais refinadas) dos subsistemas serão grafadas em *itálico* (por exemplo, *reconhecimento*).

³ Halliday (2004) propõe haver três funções que configuram a língua como sistema, em decorrência das demandas sociocomunicativas e experienciais humanas. São elas: a função *ideacional*, responsável pela categorização da realidade que é externa e interna ao falante; a função *interpessoal*, que codifica relações sociais e papéis discursivos, por um lado, e gerencia a negociação de perspectivas, por outro; e a função *textual*, que constrói coesão, coerência, referência, dentre outros fenômenos textuais. Para informações pormenorizadas, consultar Halliday (2009).

[...] construção, por textos, de comunidades de sentimentos e valores compartilhados, e com os mecanismos linguísticos atualizados para compartilhar emoções, gostos e avaliações normativas. A abordagem envolve também o modo pelo qual falantes/escritores constroem para si mesmos identidades autorais particulares ou personas, a maneira pela qual se alinham ou desalinham em relação a respondentes reais ou potenciais e a forma pela qual constroem em seus textos uma audiência visada ou ideal.

O sistema é subdividido em três grandes domínios: a ATITUDE, o ENGAJAMENTO e a GRADAÇÃO. Para este trabalho, enfocar-se-á o subsistema do ENGAJAMENTO, que, segundo Ninin e Barbara (2013, p. 129),

[...] se ocupa dos modos como a voz autoral posiciona-se em relação a outras vozes presentes no texto, procurando caracterizar diferentes perspectivas intersubjetivas disponíveis, ou seja, permitindo caracterizar o modo de adesão ou não do falante/escritor em relação às proposições no texto.

As opções iniciais consistem nos subsistemas de MONOGLOSSIA e na HETEROGLOSSIA. Construções monoglóssicas simulam a anulação do dialogismo constitutivo da linguagem (BAKHTIN, 2004), buscando, assim, bloquear as condições de emergência de perspectivas alternativas sobre a realidade, de modo que as proposições sejam tidas como certas e factuais. Já as construções heteroglóssicas sinalizam que a voz autoral abre espaço para alternativas, tanto no que se refere à incorporação explícita de vozes externas, por discurso relatado, ou à instanciação de *tokens* de metarrepresentação de outras mentes, quanto no que tange à relação entre o já dito e as concepções subjacentes discordantes e concordantes.

Nas construções heteroglóssicas em que as alternativas dialógicas são respeitadas, aceitas, ponderadas e, portanto, não maximamente validadas ou invalidadas, ocorre EXPANSÃO DIALÓGICA, ao passo que ocorre CONTRAÇÃO DIALÓGICA quando as outras perspectivas sobre a realidade são parcial ou totalmente rejeitadas. O quadro abaixo, adaptado de Gonçalves-Segundo (2014), expõe as opções do subsistema de ENGAJAMENTO: HETEROGLOSSIA e algumas ilustrações de suas respectivas realizações:

Quadro 1. Opções paradigmáticas do subsistema de ENGAJAMENTO: HETEROGLOSSIA⁴

EXPANSÃO DIALÓGICA: aceitação da validade ou reconhecimento da plausibilidade de alternativas dialógicas.	Ponderação: reconhece a possibilidade de alternativas dialógicas. Ex: formas modais
	ATRIBUIÇÃO: discurso relatado direto ou indireto. a. Reconhecimento: a voz autoral relata, de forma neutra, a alternativa dialógica. Ex: verbos <i>dizer, falar, comentar</i> . b. Distanciamento: voz autoral não valida o discurso relatado. Ex.: verbos <i>alegar, ouvir dizer</i> .
CONTRAÇÃO DIALÓGICA: rejeição parcial ou total de alternativas dialógicas.	CONTRAPOSIÇÃO: anula alternativas dialógicas a. Negação b. Contra-expectativa⁵ . Ex: operadores concessivos e adversativos.
	PROPOSIÇÃO: rejeição parcial de alternativas dialógicas a. Expectativa confirmada: constrói leitor/ouvinte que partilha da posição autoral. Ex: expressões como <i>É óbvio que, evidentemente</i> . b. Pronunciamento: constrói leitor/ouvinte como portador de um posicionamento polêmico em relação ao autoral. Ex: expressões como <i>A verdade é que, O fato é que</i> . c. Endosso: forma de discurso relatado em que a voz autoral valida e ratifica o discurso de outrem. Ex: verbos <i>mostrar, provar</i> .

3. A Teoria do Espaço Dêítico: um breve percurso

A TED, proposta por Chilton (2014), propõe, de modo análogo ao modelo de Fauconnier (1994; 1997)⁶, que o processamento linguístico-discursivo opere por espaços mentais; entretanto, tais construtos são concebidos a partir de um embasamento dêítico centrado no *self* (S), modelado a partir da intersecção entre três eixos coordenados: um atencional/referencial, um temporal e um epistêmico.

A hipótese central consiste na associação entre cognição espacial e linguagem — relação já explorada em Talmy (2000), Langacker (2008), Evans; Chilton (2010), dentre outros. Assim, para o autor, o processamento linguístico-discursivo deve ser entendido a partir de uma base corporeada, baseada na capacidade humana de perspectivação — que envolve a simulação de localização, direcionamento, distanciamento, translação, movimentação, reflexão⁷ —, a partir da qual os referentes e suas relações são projetadas de forma concomitante ao *construal* modal e temporal em um espaço tridimensional — abstraído do aparato visual —, no qual a distância relativa ao *self* é central para a compreensão oracional.

⁴ O subsistema de ENGAJAMENTO exposto baseia-se em Martin e White (2005) e segue a tradução sugerida por Ninin e Barbara (2013).

⁵ Ressalva-se que não serão analisados os recursos de *contraexpectativa*, uma vez que seus recursos prototípicos são concessivos/adversativos e envolvem, portanto, hipotaxe ou parataxe. Em termos de relações intersentenciais, apenas o encaixamento será considerado, uma vez que as encaixadas se constituem em participantes da oração matriz, não requisitando, assim, expandir o número de instrumentos teóricos e metodológicos de análise, o que seria impossível por questões de espaço.

⁶ Ressalva-se que o modelo de Chilton (2014) não visa a explicar fenômenos ligados aos avanços do modelo de Espaços Mentais, como a Mesclagem Conceptual, estando circunscrito apenas ao processamento de orações e de complexos oracionais.

⁷ O autor realiza, no último capítulo da obra-base (CHILTON, 2014), uma discussão acerca da plausibilidade das relações entre cognição espacial e linguagem, de um ponto de vista cognitivo, linguístico e neurológico. Tal discussão não será objeto deste artigo, por questões de espaço e de foco. Remeto o leitor ao texto original para maiores esclarecimentos.

Dado esse enraizamento visuoespacial, o autor propõe conceber esses espaços mentais a partir de uma base geométrica abstrata, que envolvem pontos e vetores, conforme se observa na figura 1. O espaço tridimensional é denominado *frame de referência* (R) e é ancorado na mente do *self* (S).

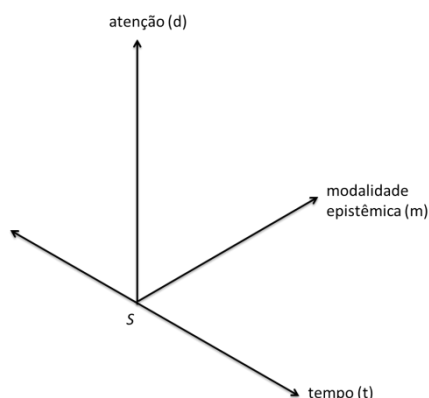


Figura 1. Representação tridimensional do Espaço Dêitico

O eixo vertical (longitudinal) consiste na dimensão atencional, que diz respeito ao distanciamento referencial. Para o autor, tal dimensão calca-se na visão binocular, que permite ao ser humano enxergar as entidades em perspectiva, de forma mais próxima ou distante, como *Figura* ou *Fundo*, ou seja, com maior ou menor foco de atenção⁸. Assim, Sujeitos estão mais próximos de S, no eixo d, que Objetos ou Predicativos – usando termos da NGB. Cada entidade ou propriedade é assinalada por um ponto em d, e sua conexão é marcada por meio de um vetor, que corresponde, de modo geral, a um relator; prototipicamente, um verbo ou uma preposição. Chilton (2014) destaca três tipos de vetores: 1. vetores de posição (p), que sinalizam, prototipicamente, a conceptualização de relações de atribuição e identificação; 2. vetores de movimentação, que indicam a conceptualização de deslocamento espacial — metafórico ou não; e 3. vetores de força, que marcam a conceptualização de relações de causalidade, baseadas na proposta de Dinâmica de Forças de Talmy (2000)⁹.

O eixo transversal consiste na dimensão temporal. Toda oração comporta uma representação de estados, processos ou eventos que são ancorados temporalmente em função do *agora* conceptualizado enunciativamente ($t = 0$, Presente Enunciativo). Seus valores recobrem do Passado Distante ($t = -1$) ao Futuro Distante ($t = 1$).

Por fim, o eixo de profundidade constitui-se na dimensão epistêmica, que está envolvida na conceptualização da cena em um *continuum* que parte da *realis* ($m = 0$) até a *irrealis* ($m = 1$). “Essencialmente, a ideia é que o que está mais perto do sujeito cognoscente é mais evidente, mais certo, ao passo que o que está mais distante é menos certo, até contrafactual” (CHILTON, 2014, p. 14, tradução minha).

⁸ Para maiores detalhes sobre as noções de *Fundo* e *Figura*, *Trajeto* e *Marco* na Linguística Cognitiva, ver Ferrari (2011), Azevedo; Lepesqueur (2011), Langacker (2008) e Talmy (2000).

⁹ Para este trabalho, não se assinalarão os diferentes tipos de vetores nem relações gramaticais que extrapolem os domínios da AVALIATIVIDADE. Assim, os construtos propostos visam apenas a sistematizar as categorias de EXPANSÃO e CONTRAÇÃO DIALÓGICA, abstraindo de outras particularidades, que requisitariam uma abordagem teórica mais abrangente e uma introdução a toda complexidade notacional da TED.

4. O Processamento linguístico-discursivo dos recursos de ENGAJAMENTO: uma abordagem via Espaços Dêiticos

Para a realização da análise pretendida, partir-se-á de orações e de complexos oracionais com encaixamento, em geral, de natureza relacional atributiva e identificativa, extraídos de páginas diversas da internet que tratam do aplicativo Uber, centro de uma polêmica nacional que envolve usuários e prestadores de serviço, por um lado, e taxistas, por outro, com o objetivo de mostrar a pertinência da abordagem e o possível processo de ancoragem dêitica dos recursos de ENGAJAMENTO em termos de processamento linguístico-discursivo. Observe-se, na Figura 2, a oração monoglóssica *Ele é inovador*, extraído da coluna do professor e consultor de *branding* Marcos Bedendo, publicado no site da revista Exame¹⁰.

Uma construção monoglóssica situa-se, por definição, em $m = 0$, marcando que se trata de uma construção *realis* para o conceptualizador S, sem qualquer restrição relativa ao eixo temporal. No caso, situou-se a representação em $t = 0$ por tratar-se do Presente. Por se constituir, aspectualmente, em um estado, contudo, poder-se-ia ter replicado o vetor por toda a extensão do eixo temporal¹¹. O que é importante destacar, porém, é que construções dessa natureza não invocam um outro conceptualizador que se engaja concordando ou discordando do *construal* realizado, e essa ausência integra o significado desse tipo de construção.

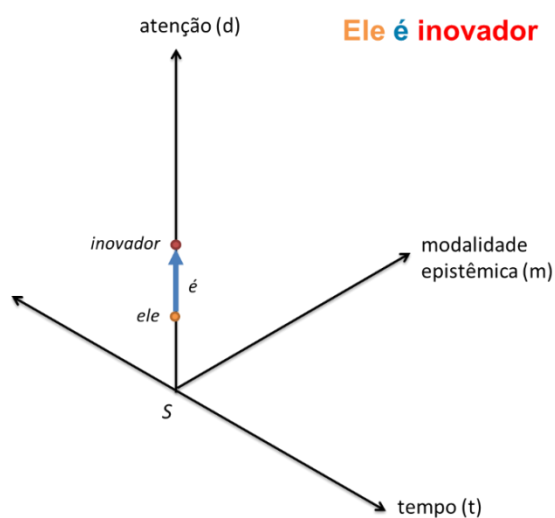


Figura 2. Representação do enunciado monoglóssico *Ele é inovador* no Espaço Dêitico

Note-se como isso se altera quando a oração passa a incorporar um recurso heteroglóssico. Nesse mesmo texto, o colunista produz o seguinte enunciado, ainda sobre o aplicativo Uber: *Ele é, de fato, um ótimo serviço*. A figura 3 mostra a sua configuração:

¹⁰ Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/branding-consumo-negocios/2015/08/05/como-o-uber-cria-a-marca-do-seculo-xxi>>. Acesso em: 04 set. 2015.

¹¹ Deseja-se fazer uma ressalva relativa à análise aqui empreendida. A teorização é equipada para considerar variações aspectuais das construções. Entretanto, por fugir ao escopo deste trabalho, elas não serão implementadas graficamente; logo, todo processo será representado por um vetor simples, a despeito de sua extensão no eixo temporal.

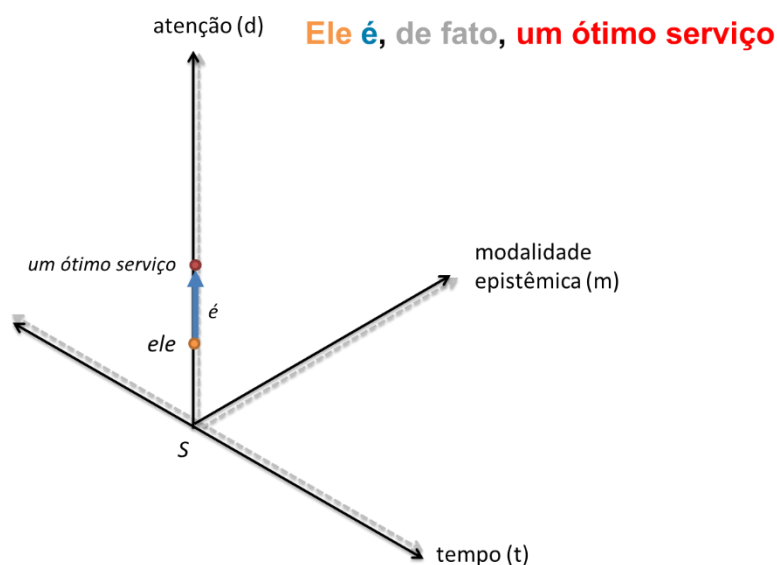


Figura 3. Representação do enunciado heteroglôssico por contração dialógica: proposição: expectativa confirmada *Ele é, de fato, inovador* no Espaço Dêitico

Note-se que, sobreposto ao *frame* de referência R, que representa o espaço mental base do *self*, há um outro *frame* de referência, R', tracejado e em cinza, que representa uma outra mente, ou seja, possíveis conceptualizadores cujas crenças e perspectivas são ativadas pela instanciação do adjunto modal *de fato*. Nesse sentido, o que esse modalizador realiza é ativar um novo *frame de referência*, coincidente ao do *self*, de modo que a relação construída entre as entidades na oração acabe assumindo, para ambos os espaços, o mesmo valor temporal e epistêmico, muito embora seja este último o relevante em termos de ENGAJAMENTO; no caso, trata-se de $m = 0$ (*realis*).

Nesse sentido, o termo *expectativa confirmada* parece, de fato, feliz para denominar esse tipo de fenômeno linguístico. Contudo, deve-se ressaltar que não se trata necessariamente de uma tentativa de assinalar que a construção vigente confirma as expectativas alheias correspondentes, mas da instanciação de um recurso modal em cujo significado esquemático reside a instauração de um *frame* de referência sobreposto à base, criando um efeito de *concordância*. Por conseguinte, pode-se propor que tais adjuntos consistem em operadores cognitivos ligados à Teoria da Mente.

A substituição de *de fato* por *na verdade* provoca uma alteração relevante no processamento. A figura 4 exhibe a nova configuração. Diferente de *de fato*, o adjunto modal *na verdade* ativa a formação de um *frame* de referência *refletido*, ou seja, trasladado e rodado em relação à S, de forma que a $m = 0$ corresponda $m' = 1$ e a $m = 1$ corresponda $m' = 0$. Em termos conceptuais, isso significa conceber uma mente, ou seja, um conjunto de conceptualizadores que, potencialmente, invalida a relação entre a entidade e a propriedade, de forma que o que é *realis* para S é *irrealis* para S'.

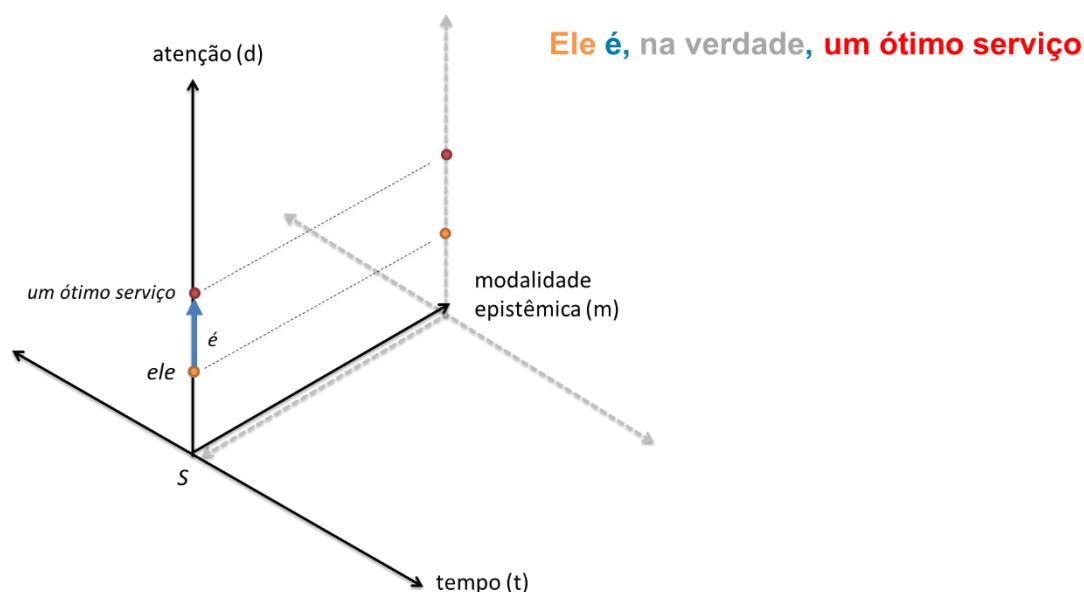


Figura 4. Representação do enunciado heteroglássico por contração dialógica: proposição: pronunciamento *Ele é, na verdade, inovador no Espaço Dêitico*

Tal distinção é naturalmente capturada pela abordagem de Espaços Dêiticos, na medida em que todo espaço mental é concebido como deiticamente orientado e, portanto, distanciado ou aproximado, trasladado ou coincidente, rodado ou não em relação ao *frame* R do falante. Assim, o que os adjuntos modais de *pronunciamento* realizam é justamente invocar um novo *frame* que é epistemicamente oposto a R.

Não obstante, tem-se CONTRAÇÃO DIALÓGICA em ambos os casos. Poder-se-ia questionar o motivo. Em primeiro lugar, o caráter *heteroglássico* justifica-se pela emergência de um novo *frame* de referência (R'), representativo de outro(s) conceptualizador(es). A contração deriva do fato de o conteúdo proposicional estar situado em um ponto extremo do eixo epistêmico — $m = 0$ ou $m = 1$ —, sinalizando comprometimento máximo com a validação ou invalidação de uma perspectiva a despeito de outras possíveis.

O mesmo pode ser afirmado no que tange aos casos de refutação: negação. O exemplo a seguir, *A Uber não é uma empresa de transporte*, extraído da página oficial da empresa na internet (<<https://www.uber.com/legal/prt/terms>>) e ilustrado na figura 5, permite compreender o exposto.

A oração polarizada negativamente consiste, no modelo, em uma versão *irrealis* da forma alternativa afirmativa. Nesse sentido, a função da partícula negativa *não* seria criar um distanciamento máximo da cena construída em relação ao posicionamento epistêmico do *self*, independente dos valores em d ou em t. Ademais, dado o estatuto polêmico da negação — vastamente discutido na literatura pragmática —, que pressupõe uma afirmação, é possível propor a emergência de um vetor *realis* ($m = 0$) no *background* de atenção (TALMY, 2000), o que é representado por um vetor tracejado. Isso aponta para a capacidade humana de dividir atenção (OAKLEY, 2009) e integrar componentes de distintos espaços mentais para a produção e para a interpretação de sentido, muito embora com distintos pesos atencionais distribuídos.

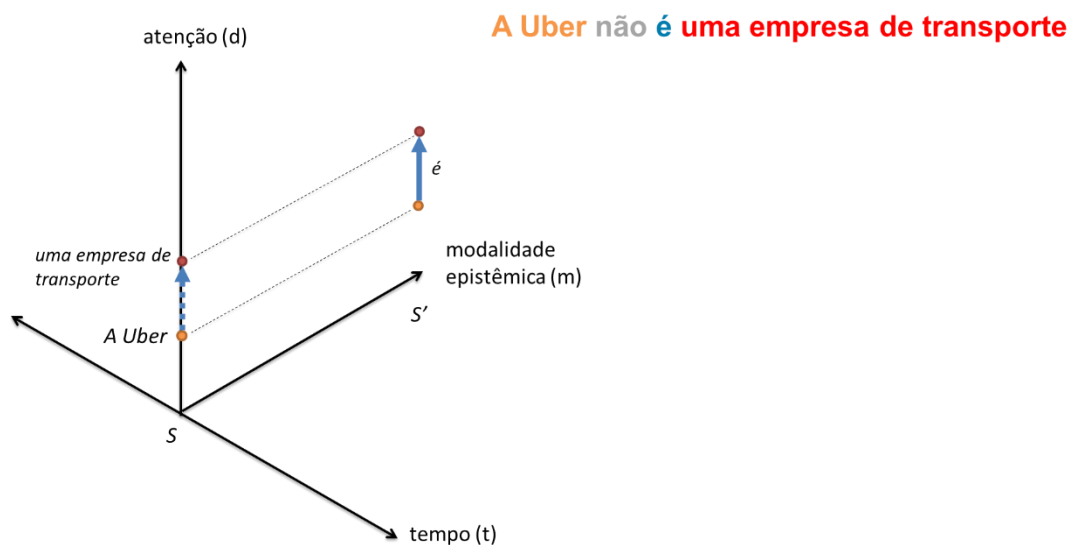


Figura 5. Representação do enunciado heteroglósico por contração dialógica: contraposição: negação *A Uber não é uma empresa de transporte* no Espaço Dêitico

Esse pressuposto de afirmação pode ser compreendido, dialogicamente, como uma outra mente, uma outra voz com a qual o falante se engaja. Nesse sentido, poderia ser proposta uma conceptualização similar à de um recurso de *pronunciamento*: o vetor tracejado não seria incluído, e o vetor principal estaria em $m = 1$, onde também estaria o centro $(0, 0, 1)$ de um *frame de referência* R' , reflexo, representativo dessa outra mente. Para este outro *self*, a oração seria *realis*. Contudo, isso aproximaria demais o *pronunciamento* da *negação* e traria problemas para o processamento de uma oração em que os dois recursos co-ocorressem, como em *O Uber não é, na verdade, uma empresa de transporte*, visto que ambos fariam a mesma atividade.

Nesse sentido, o que parece diferenciar os dois fenômenos é o estatuto atencional que a outra mente ocupa – na *negação*, a outra mente fica de tal modo no *background* de atenção que a polêmica se torna velada, de forma que a pressuposição *realis* passa a ser vista até como uma expectativa (conjunto abstrato de mentes convergentes), ao passo que, no *pronunciamento*, estabelece-se, de forma mais explícita, uma polêmica com outra(s) mente(s), uma vez que o falante marca que conhece o estatuto não consensual de sua representação de realidade e que sabe que existem alternativas conflitantes e é contra elas que se posicionará, sendo, portanto, possível conceber a emergência de um *frame de referência* reflexo, representativo desse(s) *self(ves)* com os quais se confronta. O grau máximo dessa explicitação ocorre, contudo, no discurso relatado, em que – mais do que uma mente – uma outra voz é invocada e responsabilizada pela representação da realidade, muito embora seja o falante que assinala, pela seleção do processo verbal (HALLIDAY, 2004) ou verbo de elocução, qual é o estatuto de realidade dessa alternativa dialógica. Discutir-se-ão esses casos na sequência.

Na AVALIATIVIDADE, o discurso relatado ocupa papel importante, na medida em que os recursos a ele ligados consistem em estratégias autorais de inserção de vozes externas nos textos, a partir da qual um processo de negociação intersubjetiva se processa (GONÇALVES-SEGUNDO, 2011). Isso ocorre, tendo em vista que a seleção de diferentes verbos de elocução modifica a relação entre o posicionamento autoral e essas vozes – instâncias concretas da atividade semiótica de outros conceptualizadores. Assim, ocorrem casos tanto de EXPANSÃO quanto de CONTRAÇÃO DIALÓGICA.

Para mostrar como a TED analisa as instâncias de discurso relatado (indireto), partir-se-á da oração a seguir — extraída da notícia *Justiça dos EUA decide que motorista do Uber é funcionário da empresa*, publicada na página do portal tecnológico IDGNOW!¹² — *O Uber (sempre) alegou que seus motoristas são contratantes*, com exclusão do recurso adverbial de frequência, que não consiste em objeto de análise deste artigo, e de duas manipulações possíveis — *O Uber disse que seus motoristas são contratantes* e *O Uber mostrou que seus motoristas são contratantes*.

As figuras 6, 7 e 8 mostram a configuração de instâncias de *reconhecimento*, *distanciamento* e *endosso*. Como se trata de um fenômeno complexo, uma vez que todas as opções paradigmáticas requisitam uma estrutura encaixada, cabem algumas explicações adicionais.

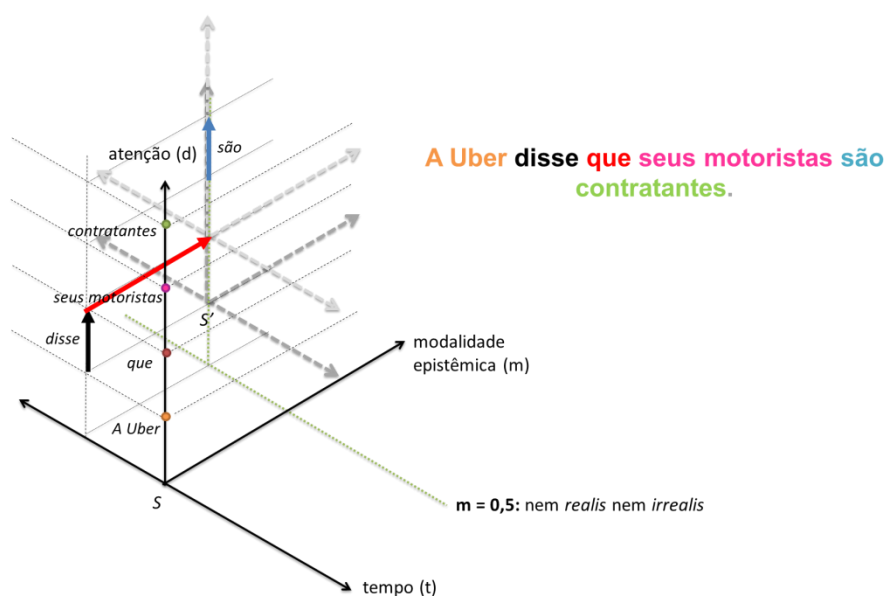


Figura 6. Representação do enunciado heteroglóstico por expansão dialógica: atribuição: reconhecimento *A Uber disse que seus motoristas são contratantes* no Espaço Dêitico

¹² Disponível em: <<http://idgnow.com.br/mobilidade/2015/06/17/justica-dos-eua-decide-que-motorista-do-uber-e-funcionario-da-empresa/>>. Acesso em: 04 set. 2015.

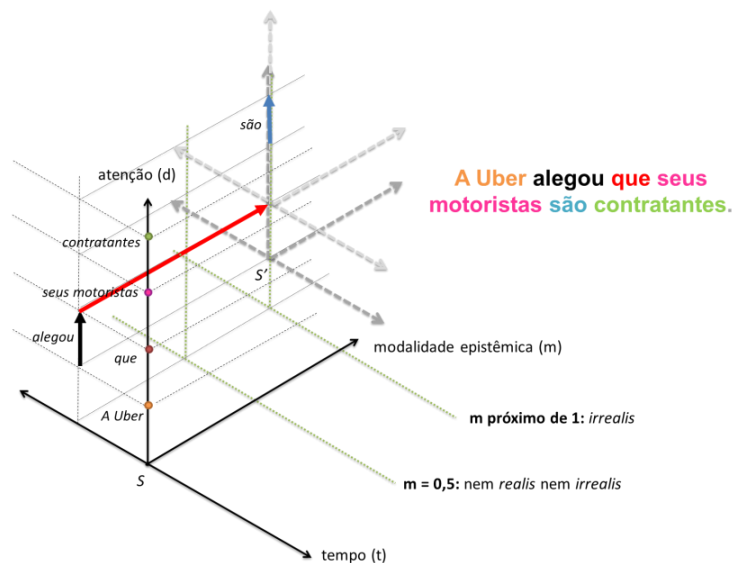


Figura 7. Representação do enunciado heteroglósico por expansão dialógica: atribuição: distanciamento *A Uber alegou que seus motoristas são contratantes* no Espaço Dêitico

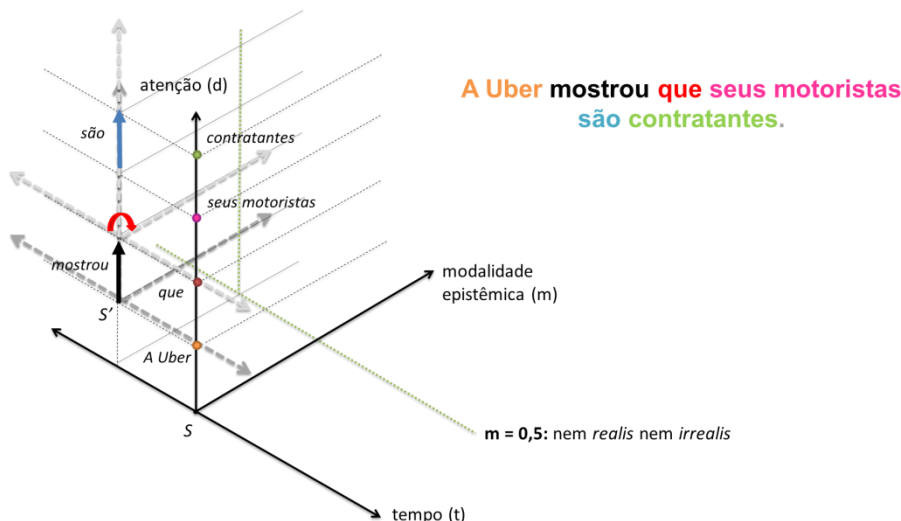


Figura 8. Representação do enunciado heteroglósico por contração dialógica: proposição: endosso *A Uber mostrou que seus motoristas são contratantes* no Espaço Dêitico

Em primeiro lugar, deve-se considerar que o discurso relatado indireto comporta, prototipicamente, uma oração primária e uma encaixada, que ocupa um papel de participante daquela e, por isso, recebe uma coordenada no eixo atencional/referencial. Tal posição poderia ter sido representada por uma pró-forma (como *isso*), seguida de uma nova estrutura gráfica representando seu conteúdo. O que Chilton (2014) propõe, contudo, é a integração de toda a conceptualização na mesma figura, mas preservando a lógica de abertura de um novo *frame de referência*, visto haver uma nova cena, ainda que encaixada. Tal *frame*, construído em cinza claro, não representa, contudo, uma outra mente; apenas a capacidade de recursividade típica da linguagem humana. Seria o mesmo que ter feito um novo gráfico, paralelo ao primeiro.

Em segundo lugar, tais construções invocam explicitamente uma voz externa, que assinala uma atividade semiótica da parte de um conceptualizador, o que fica marcado na

oração primária. Tal oração terá, em si, uma natureza monoglóssica ou heteroglóssica, fator, muitas vezes, negligenciado nas abordagens de Avaliatividade. Em nossos exemplos, todos os casos são monoglóssicos (verbos no Pretérito Perfeito, sem modalização alguma), o que leva à inserção do vetor correspondente ao verbo de elocução em $m = 0$; contudo, poderia não o ser. Ademais, devido à invocação de um conceptualizador outro, deve-se abrir um *frame de referência* R' (em cinza escuro), que representa o espaço mental deiticamente ancorado desse falante S', no caso, a Uber.

Em terceiro lugar, cada verbo de elocução tem uma função dêitica esquemática de situar o posicionamento de R' em relação a R, sinalizando o grau de distanciamento da concepção de realidade dessa outra voz em relação ao que é *realis* para o *self* enunciador. Nesse sentido, em 6, o verbo *dizer* opera cognitivamente no sentido de mover a cena construída na oração encaixada para $m = 0,5$, posição que sinaliza que S (falante) não assume o conteúdo proposicional nem como válido nem como inválido. Já, em 7, o verbo *alegar* atua no sentido de incitar a construção de R' próximo a $m = 1$, sinalizando que o falante tende a invalidar tal posicionamento¹³. Por fim, em 8, incita-se a conceptualização de R' em $m = 0$, o que aponta para o fato de S validar maximamente a cena construída na encaixada, aderindo a essa concepção de realidade. Por essas razões, apenas o último caso consiste em uma instância de CONTRAÇÃO DIALÓGICA.

Já os recursos de *ponderação*, no âmbito da EXPANSÃO DIALÓGICA, constroem a realidade de forma a posicionar a cena em $0 < m < 1$, com ou sem inserção explícita de outra mente (*frame de referência*) na conceptualização. O esquema abaixo mostra a configuração das orações *A Uber pode/deve/não pode/não deve ser uma empresa de transporte*¹⁴, manipuladas a partir da sentença *A Uber não é uma empresa* (Figura 5) para efeito de explanação do posicionamento dêitico de casos de EXPANSÃO DIALÓGICA.

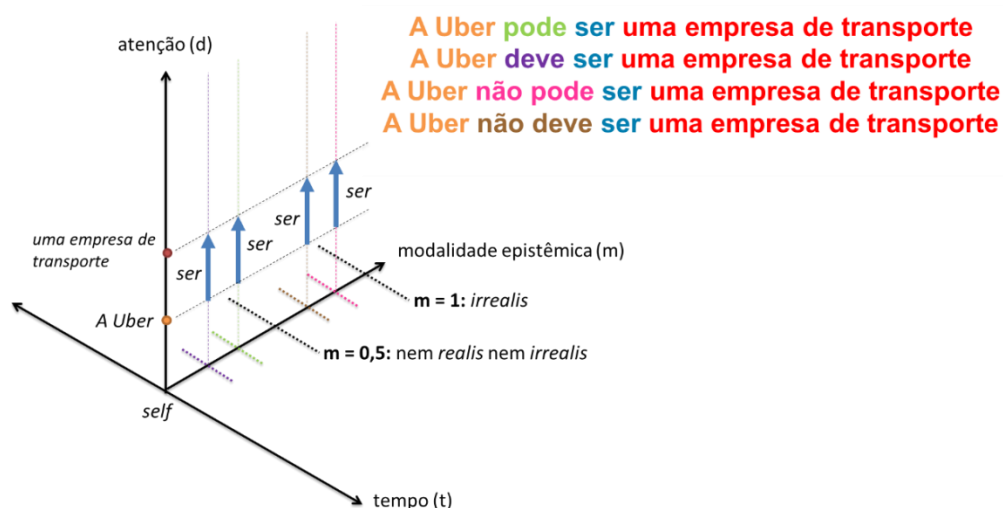


Figura 9. Representação do enunciado heteroglóssico por expansão dialógica: ponderação
A Uber pode/deve/não pode/não deve é uma empresa de transporte no Espaço Dêitico

¹³ É possível, contudo, conceber situações em que o *frame de referência* incitado por *alegar* se situe próximo à $m = 0,5$, como ocorre com *dizer*. Entretanto, não parece ser seu significado prototípico. Do mesmo modo, não parece que a construção implica necessariamente que S conceba como *irrealis* o conteúdo da projetada. Nesse sentido, talvez a melhor caracterização do verbo *alegar* seja propor que seu posicionamento fique em $m \geq 0,5$, considerando $m = 1$ como valor máximo.

¹⁴ A análise deter-se-á nas possibilidades de interpretação epistêmica dos modais, tendo em vista que a interpretação deontica requisita a exploração de vetores de força, o que foge ao objetivo deste artigo.

Prototipicamente, a EXPANSÃO DIALÓGICA atua pelo distanciamento da cena (em termos de entidades e de suas relações, ou seja, ideacionalmente) no que tange a seu estatuto de realidade para o *self* (nesse ponto, sim, em termos interpessoais). Porém, tal distanciamento não chega a ser absoluto, como em uma *negação*, que posiciona a cena em $m = 1$. O que esses recursos fazem, portanto, considerando que são instanciados por modalizadores, é preencher o *continuum* entre a polaridade positiva (mínima distância epistêmica do *self*) e a negativa (máxima distância epistêmica do *self*) (HALLIDAY, 2004).

É possível também conceber a presença de vetores tracejados tanto na *realis* quanto na *irrealis* em todas as instâncias — é isso, inclusive, que propõem, sem o aporte dêitico e cognitivista aqui utilizado, Martin e White (2005) em sua teorização. Para os autores, a EXPANSÃO DIALÓGICA atua no sentido de abrir um espaço de validade para alternativas dialógicas, sem que elas sejam explicitamente rejeitadas. Em outros termos, a oração *A Uber pode ser uma empresa de transporte* ativar, pragmaticamente, tanto a alternativa *realis* (*A Uber é uma empresa de transporte*) quanto a *irrealis* (*A Uber não é uma empresa de transporte*). O que o falante faria, portanto, é marcar baixa adesão a qualquer uma das alternativas — provavelmente, por não ter evidências suficientes para assumir um posicionamento ou ainda para evitar possíveis críticas em relação a um contexto em que comprometer-se com uma das concepções pudesse gerar conflito. De toda forma, não haveria (tentativa de) cancelamento, como ocorre na CONTRAÇÃO DIALÓGICA.

Sobre isso, cabe, contudo, uma consideração: o espaço de abertura à validade das alternativas dialógicas não é o mesmo em cada instância. Por um lado, as formas polarizadas positivamente colocam a alternativa *realis* no *foreground* de atenção, enquanto as negativas fazem o mesmo com a *irrealis*. Por outro, a distância da representação em relação a $m = 0$ nas formas positivas e a $m = 1$ nas negativas indica a força da evidência em relação à representação *realis* e *irrealis*, de forma que pode haver maior ou menor esforço de aceitabilidade da alternativa a depender do modal selecionado.

Considerações finais

Este artigo pretendeu analisar o processamento cognitivo de recursos de ENGAJAMENTO (MARTIN; WHITE, 2005), a partir da TED, proposta por Chilton (2014), abordagem que concebe o processamento linguístico a partir de uma base geométrica, calcada na cognição espacial e na capacidade de perspectivação, integrando, em seu bojo, os domínios atencional/referencial, temporal e modal.

Depreendeu-se que o cerne do processamento do ENGAJAMENTO reside na localização das entidades e de suas relações no eixo epistêmico (m). Prototipicamente, o que difere a MONOGLOSSIA da HETEROGLOSSIA é o fato de a primeira apenas basear-se no *frame de referência* do *self* falante sem incitar a construção de novos *frames de referências*, ligados a outros conceptualizadores, ou, ainda, vetores de *pressuposição de afirmação*, como ocorre na *negação*, já um fenômeno heteroglóssico, de CONTRAÇÃO DIALÓGICA.

Nesse sentido, os fenômenos heteroglóssicos são responsáveis por ativar, cognitivamente, novos *frames de referência* com maior ou menor grau de atenção para a emergência de outros conceptualizadores (tanto em termos de outras mentes quanto em

termos de outras vozes). Na CONTRAÇÃO DIALÓGICA, predomina a localização dos elementos ideacionais nos extremos epistêmicos, em $m = 0$ (*realis*) ou em $m = 1$ (*irrealis*), ao passo que, na EXPANSÃO DIALÓGICA, a cena representada tende a se localizar em $0 < m < 1$, ou seja, nem validado nem invalidado plenamente.

No discurso relatado, seja por contração (*endosso*), seja por expansão (*reconhecimento* e *distanciamento*), atribui-se um alto grau de atenção para a emergência de outro conceptualizador, de forma que o conteúdo proposicional passa a ser integrado ao espaço mental (*frame de referência*) deste Dizente (HALLIDAY, 2004), o que mostra nossa capacidade de perspectivação alocentrada, ou seja, de deslocamento para a posição do outro – o que ficaria ainda mais nítido em instâncias de discurso direto, em que as coordenadas dêiticas estariam em função deste Dizente (S'). A diferença entre os recursos reside no posicionamento desse *frame de referência* outro em relação ao eixo epistêmico egocentrado do *self*: em $m = 0$ para o *endosso*; em $m = 0,5$ para o *reconhecimento*; e em $0,5 \leq m < 1$ para o *distanciamento*.

Na *expectativa confirmada* e no *pronunciamento*, fenômenos de contração, ocorre a emergência de um novo *frame de referência*, porém no *background* de atenção. Para o primeiro, tem-se um eixo sobreposto ao do *self*, revelando uma convergência entre o posicionamento autoral e o de outras mentes, ao passo que, para o segundo, incita-se a construção de um eixo reflexo em $m = 1$, assinalando que a voz autoral concebe a existência de mentes para as quais sua representação é considerada *irrealis*.

Na *negação*, hipotetiza-se que apenas haja a emergência de um vetor que assinale o pressuposto de afirmação, mas não necessariamente um *frame* de outra mente, muito embora tal hipótese possa ser defendida, desde que em um eixo reflexo. Entretanto, isso estaria de forma ainda mais ofuscada em termos de foco de atenção.

Por fim, nos recursos de *ponderação*, que envolvem os modais epistêmicos, polarizados positiva ou negativamente, há um deslocamento da cena em termos do eixo epistêmico de forma a excluir os extremos, ou seja, a representação se localiza, em m , no intervalo $]0,1[$, tendo $m = 0,5$ como ponto de referência, no sentido de que modais positivos localizam a cena entre a *realis* e o não comprometimento, e modais negativos o fazem entre o não comprometimento e a *irrealis*.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. T.; LEPESQUEUR, M. Aspectos da afiliação epistemológica da Linguística Cognitiva à Psicologia da Gestalt: percepção e linguagem. *Ciências & Cognição*, v. 16, n. 2, p. 65-81, 2011.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2004. 196 p.
- CHILTON, P. *Language, Space and Mind: The Conceptual Geometry of Linguistic Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. 333 p.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 356 p.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006. 857 p.

- EVANS, V.; CHILTON, P. *Language, cognition and space: the state of the art and new directions*. London: Equinox, 2010. 520 p.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003. 270 p.
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 [1985]. 190 p.
- _____. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 205 p.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011. 171p.
- GEERAERTS, D. Recontextualizing grammar: Underlying trends in thirty years of Cognitive Linguistics. In: TABAKOWSKA, E. et al. *Cognitive Linguistics in action: from theory to application and back*. Berlin: De Gruyter, 2010. p. 71-102.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. *Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana*. 2011. 447 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- _____. Indignação e culpa em cartas do leitor da *Folha de S. Paulo*: um estudo sobre a construção discursiva da tragédia de Santa Maria. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 16, v. 1, p. 63-93, jan./jun. 2014.
- HALLIDAY, M. *Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. Revised by Christian Matthiessen. London: Hodder Arnold, 2004. 689 p.
- _____. Methods – techniques – problems. In: HALLIDAY, M.; WEBSTER, J. (org.). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2009. p. 59-86.
- HART, C. *Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives*. London: Bloomsbury Academic, 2014. 216 p.
- HEBERLE, V. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias? *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 85-112, 2004.
- LANGACKER, R. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008. 573 p.
- MARTIN, J.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005. 278 p.
- NININ, M. O. G.; BARBARA, L. Engajamento na perspectiva linguística sistémico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 52, n. 1, p. 127-146, jan./jul. 2013.
- OAKLEY, T. *From Attention to Meaning: Explorations in Semiotics, Linguistics, and Rhetoric*. Bern: Peter Lang, 2009. 270 p.
- TALMY, L. *Towards a Cognitive Semantics*, v. 1. Cambridge: MIT Press, 2000. 565 p.

Recebido em: 03/10/2015

Aprovado em: 05/07/2016